

OS CONFLITOS GERACIONAIS E OS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS NA FORMAÇÃO DOCENTE NO BRASIL

Patrícia Marcondes de Barros¹ - UNISANTOS
Agência Financiadora: CAPES
EIXO 2 - Saberes e Práticas Docentes

Resumo

O presente trabalho, resultante de pesquisa de pós-doutorado (em andamento), tem como proposta a reflexão sobre os desafios educacionais na formação de professores frente às novas subjetividades moduladas pela tecnologia, relacionadas à pós-modernidade. Tendo em vista a miríade de possibilidades de estudo do tema, delimitamos para essa comunicação, as dificuldades relacionais por parte do docente em relação às gerações contemporâneas e suas reverberações no âmbito educacional. As diferentes subjetividades que permeiam o ambiente escolar como as dos *baby-boomers* e as da chamada geração X (geralmente personificadas na figura dos pais e professores), com as advindas do mundo tecnológico, jovens denominados de Y e Z, trazem geralmente um 'estranhamento', que resulta em dificuldades no processo de ensino-aprendizagem, ocasionando indisciplina, violência, evasão, entre outras. O professor sente dificuldade em exercer seu ofício e vivencia no cotidiano a dicotomia entre a docência e a pesquisa (que deveriam caminhar juntas) e também, as novas teorias e metodologias com a realidade do ensino público e privado em nosso país. Anterior ao imperativo que comumente se coloca para o professor, de se conhecer e apropriar das novas tecnologias (tratando-as como um 'entendimento' meramente técnico e, portanto, "neutras"), se faz necessária a compreensão das novas subjetividades para a ressignificação das práticas pedagógicas, formação docente e instituições escolares. Tratamos aqui, de repensar não só a formação docente, mas existencialmente a nós mesmos, com nossos arcaísmos mentais solidificados e a necessidade de nos "descondicionar" e, conseqüentemente, nos abrir às novas possibilidades de reinvenção do cotidiano acadêmico que tal conflito geracional oferece.

Palavras-chaves: Educação, Conflito de gerações, Pós-modernidade.

Introdução

O presente trabalho tem como mote a experiência docente adquirida no Ensino Superior durante os últimos quinze anos, ministrando para diversos cursos, conteúdos das chamadas ciências humanas em instituições particulares, no Brasil. As dificuldades enfrentadas por parte dos professores em relação a um novo formato de aluno resultou no projeto de pesquisa de pós-doutorado (em andamento). Pretende-se nesta comunicação analisar de forma geral, as subjetividades moduladas pela tecnologia e neste devir, refletir

¹ Pós-doutoranda em Educação (bolsista CAPES-PNPD) pela Universidade Católica de Santos (UCS). Pesquisadora do Laboratório de Ensino de História (UNICENTRO), do Laboratório de Estudos e Pesquisas em História, moda e cultura (UEM) e do Laboratório de Práticas Pedagógicas: Pesquisa e Formação (Universidade Católica de Santos). E-mail: patriciamarcondesdebarros@gmail.com.

acerca dos dilemas contemporâneos na formação docente frente às novas gerações. Tais gerações, denominadas genericamente de “y” e “z”, são oriundas das mudanças paradigmáticas que alteraram o nosso modo de pensar, produzir, consumir (CASTELLS, 1999) e conseqüentemente, de ‘ensinar e aprender’, relacionadas à pós-modernidade. Frente a este contexto, os professores, por serem sujeitos existenciais, ou seja, com emoções, linguagens e relacionamentos, quando estão em seu cotidiano escolar experenciam tais mudanças e diferenças históricas. (TARDIFF APUD SOBRINHO, 2002, p.02).

As diferentes subjetividades que permeiam o ambiente escolar como as dos *baby-boomers* e as da chamada geração X (geralmente personificadas na figura dos pais e professores), com as advindas do mundo tecnológico, jovens denominados de Y e Z, trazem geralmente um ‘estranhamento’, dificuldades no processo de ensino-aprendizagem que resultam muitas vezes em indisciplina, violência, evasão, entre outras. O professor por sua vez, sente dificuldade em exercer seu ofício e vivencia no cotidiano a dicotomia entre a docência e a pesquisa (que deveriam caminhar juntas) e também, as novas teorias e metodologias com a realidade dos objetivos e metas das empresas voltadas à Educação (instituições privadas do Ensino Superior) ou ao precário ensino público no Brasil.

Anterior ao imperativo que comumente se coloca ao professor, de se conhecer e apropriar das novas tecnologias (tratando-as como um ‘entendimento’ meramente técnico e, portanto, “neutras”), a proposta é ir além e repensar não só a formação docente, mas existencialmente a nós mesmos, com nossos arcabouços mentais solidificados e a necessidade de nos “descondicionar” e, conseqüentemente, nos abrir às novas possibilidades de reinvenção do cotidiano acadêmico que tal conflito geracional oferece.

Importa destacar que a presente comunicação tem como proposta a formação e profissionalização docente, tendo em vista que abordará a necessidade nos cursos de formação de professores de se entender acerca do processo da chamada pós-modernidade e das reverberações que esta nova subjetividade traz para o processo educativo.

Através do conflito atual de gerações analisaremos quais são os desafios postos à educação pela cultura contemporânea, com suas rupturas de paradigmas científicos, tecnológicos e éticos, seu poder de distribuição dos bens socioculturais, da criação de sistemas de interpretação do mundo e de resignificação dos sentidos da educação e das instituições que lhe são destinadas.

Os meios como mensagens: novos discursos, narrativas e ‘escutas’

Parafrazeando o teórico da aldeia global, Marshall MacLhuan, “os meios são as próprias mensagens”, sinalizadoras de novas maneiras de ser, sentir e pensar que emergiram em fins do século XX, na década de 80, com a denominação, segundo Castells, (2000) de “sociedade da informação” ou “pós-industrial” e que trouxeram avanços significativos, assim como, dilemas para a vida individual e coletiva.

No âmbito educacional, tais mudanças são facilmente perceptíveis e vão desde as novas tecnologias aplicadas à educação ao comportamento diferenciado e complexo do jovem atual, personificado na figura do aluno.

Para esse “novo aluno” que pertence às gerações relacionadas intrinsecamente com a tecnologia faz-se necessária a construção de novas narrativas, diferenciadas (reconhecendo a diversidade existente no mundo contemporâneo); desde as que se constroem no silêncio e no gesto, até as poéticas e tecnológicas. Tendo em vista a desterritorialização propiciada pela internet, os discursos presentes no ambiente educativo devem se coadunar com o da diversidade cultural que permite a ‘escuta’ dos valores do indivíduo e do grupo a que pertence, tendo como base, a perspectiva de circularidade cultural bakhtiniana. A ressignificação dos saberes só terá uma apropriação significativa se estiverem relacionados às identidades culturais dos sujeitos individuais e coletivos presentes no âmbito educacional, portanto, faz-se necessário compreendê-las.

Green e Bigun (1995) têm se destacado por estabelecer a diferença histórica entre o aluno de “ontem” e o “de hoje”. Afirmam que os alunos que estão em nossas escolas são radicalmente diferentes dos alunos de épocas anteriores por apresentarem uma “historicidade pós-moderna”, constituída por um conjunto de práticas culturais responsáveis pela produção de sujeitos particulares, específicos, com identidades e subjetividades singulares. Para eles, o aluno de hoje é:

(...) um sujeito-estudante pós-moderno porque ele apresenta um novo tipo de subjetividade humana — uma subjetividade pós-moderna — que se caracteriza pela efetivação particular da identidade social e da agência social, corporificadas em novas formas de ser e de tornar-se humano.(GREEN e BIGUN 1995).

Para tratarmos acerca dessas subjetividades moduladas pela perspectiva da pós-modernidade, faz-se necessário elucidar sobre o referido conceito, caracterizado geralmente, como antagônico ao da Modernidade. Nela, os paradigmas centrais da racionalidade científica e homogeneidade levariam, segundo seus entusiastas positivistas, ao progresso da humanidade, perpassando todas as instâncias sociais e aplainando as diferenças em favor de uma coesão social. Contudo, se instalaria também uma crise, uma contradição histórica que se traduziu em rupturas trazidas quer pelas formas cotidianas do existir, fazendo emergir a necessidade das considerações das heterogeneidades, das diferenças, das desigualdades gritantes; quer pelas fissuras lógicas nas ciências. A uniformização da modernidade consistiu em um projeto que não suportou ao caos, aos totalitarismos, aos conflitos étnicos, as desigualdades econômicas que geraram a violência e a destruição e propiciaram a crise dos seus paradigmas centrais (GATTI, 2005). No decorrer do século XX, em fins da década de 60, pensadores dos mais diferentes matizes ideológicos proclamaram o fim da modernidade e dos ideais inerentes ao iluminismo-universalismo, caracterizados contextualmente pelas derrotas políticas com as revoluções em curso, com o pós industrialismo, com a emergência de novas forças políticas e atores sociais, com a vanguarda artística, pelo fim das utopias (tanto as hippies como as socialistas), com o esvaziamento do debate ideológico e com a descrença em relação a alternativas ao processo mundial e a globalização. Segundo Simmel (1998) este processo enfatizou a mercadorização da vida acelerada pela forte influência dos meios de comunicação de massa, nas sociedades contemporâneas. Com a perda dos padrões comunitários e sua substituição por imagens mercantilizadas produzidas pelos meios comunicacionais se inibiu a construção de identidades sociais estáveis. Parafraseando Marx, “o que era sólido já não se desmanchava no ar”, reflexo da crise do pensamento ocidental linear com suas previsibilidades e finalizações.

Embora a conceituação de pós-modernidade não encontre consenso entre os principais teóricos e suas diferentes manifestações, faz-se notória uma mudança de sensibilidade intensificada a partir da segunda metade do século passado, problematizando as grandes utopias e modelos de análise produzidos nos séculos anteriores, na chamada era Moderna. A evidência dos novos fatos socioculturais levou alguns estudiosos a caracterizá-los como ‘pós-modernos’, instalando-se uma polêmica sobre o fim da modernidade. De outra parte, argumenta-se que esses eventos tratados como novos não o são em essência e estão ainda sob a égide da modernidade tida como um período histórico-cultural e científico que ainda não acabou (HABERMAS, 1990).

Lyotard (1993) trata o tema 'pós-modernidade' como a crise das narrativas, criando uma nova epistemologia do conhecimento. Segundo ele, não existe uma razão e sim, várias; uma história, mas muitas histórias, a pós-modernidade não seria o fim do modernismo, mas sim, uma forma diferenciada de lidar com o mesmo. Tenta conceituar o moderno e o pós-moderno à luz da concepção de uma norma hegemônica ou lógica cultural dominante, sendo o pós-moderno percebido como um campo de forças. Ao examinar os modos de produção do saber, em uma possível pós-modernidade, afirma ter-se atualizado o modelo teórico da sociedade – no projeto moderno representado como um “organismo” (um todo orgânico) – para, na pós-modernidade, ser representado pelo modelo da máquina (um sistema autorregulável). Isso nos leva a pensar que a concepção do sujeito, no modelo social moderno, interpreta o ser humano como um organismo, que precisa da educação para desenvolver suas qualidades tidas como natas; e que, no modelo da máquina, o corpo e o psiquismo humano são tratados como partes de uma engrenagem em que o ato de educar, por exemplo, se transforma em treinamento de capacidades para o desempenho no trabalho. (MENDES ANDRÉ, 2008)

O desafio pós-moderno não só constitui um corpo diferente de crítica cultural, mas deve também ser visto como “um discurso contextual que tem desafiado os limites disciplinares específicos em campos, tais como os estudos literários, a educação, a arquitetura, o feminismo, a arte, a sociologia e muitas outras áreas” (GIROUX,1996). A sensação de impotência do indivíduo frente a um processo histórico rápido (em consonância com os meios tecnológicos que geram novas subjetividades mutantes) e incompreensível (tendo em vista o mundo fragmentado e descentralizado) tornou-se notória. Surge um novo mundo, com novos argumentos relacionados à tecnociência, às novas Tecnologias de Informação e de Comunicação (TICs). Tal revolução científica e tecnológica transformou a cultura, permeou as instâncias sociais e pessoais, e conseqüentemente, a esfera educacional e suas respectivas instituições.

Os conflitos geracionais e os novos dilemas da educação

É no universo educacional, desde as séries iniciais até a universidade, o *locus* de grande visibilidade das mudanças sociais e culturais, tendo em vista a construção das identidades e apreensão da alteridade cultural através dos processos de aprendizagem e

socialização. Com a pós-modernidade este universo passa por ressignificações e buscam metodologias que se integrem às novas tecnologias da informação, a interdisciplinariedade, entendida como os saberes comuns a uma ou mais matrizes de conhecimento, e principalmente, a Antropologia, esfera privilegiada que aborda a cultura como dimensão fundadora da sociedade e permite o entendimento da alteridade, importante valor de reconhecimento das diversas culturas que permeiam o ambiente escolar. Da escola à universidade e da informação ao conhecimento, tal enfoque interdisciplinar, aberto aos “novos tempos”, enriquece os processos educacionais, as políticas pedagógicas, os currículos, a formação e o exercício do magistério.

O ofício do professor em sala de aula, neste devir deve ser constantemente reinventado, o que não se constitui em tarefa fácil, pois além de enfrentarmos condições estruturais precárias dentro de escolas e universidades públicas brasileiras, com carga horária extensa e baixas remunerações para os professores, nos deparamos também com o despreparo (e, conseqüente desgaste) em lidar com as novas gerações que assinalam expectativas diferenciadas em relação à percepção e apreensão do mundo com novos valores, linguagens e discursos.

Os jovens que já nasceram sob a égide da internet, ou seja, numa realidade tecnológica e virtual muito mais avançada com: celulares, telecomputadores, Ipods, videogames, vídeo e televisores com alta definição em 3D, games jogados em redes sociais, entre outros, construiu sua subjetividade dentro de uma lógica diferenciada de seus pais e professores (NETO, 2010). Caracterizar tais gerações para posterior conhecimento não significa em classificar genericamente apenas pela categoria etária (pois existem outras categorias explicativas), contudo, conduzirá à pesquisa no concernente a compreensão das tendências relacionadas às novas subjetividades moldadas pela tecnologia, com suas conseqüentes reverberações no âmbito educacional. E é disso que trata a referida pesquisa; de entender pela perspectiva interdisciplinar as tendências relacionadas às “novas subjetividades” que emergiram num mundo altamente tecnologizado e, a partir disso pesquisar os novos desafios da educação na contemporaneidade, entendendo-os como possibilidades de construção de novos valores a partir das diferenças geracionais.

A compreensão desse novo processo educacional representa um desafio aos estudiosos não apenas da educação, mas também de outras áreas, e instiga o pesquisador a se adentrar em um movimento investigativo questionador sobre a

modernidade e sua possível superação: a constituição do espaço que viria a ser o da pós-modernidade e, conseqüentemente, o delineamento de novas sensibilidades.

A respeito das novas gerações, denota-se que a instabilidade e a transitoriedade difundidas de forma característica entre os jovens, estão inseparavelmente relacionadas a um grande número de condições pós-modernas que têm provocado um mundo com pouca segurança psicológica, econômica e intelectual. O mundo moderno, das previsibilidades, deu lugar a um planeta no qual o tempo e o espaço são condensados pela virtualidade, onde os jovens, sem pertencerem a algum lugar concreto, vão vivendo progressivamente esferas culturais e sociais mutáveis, marcadas por uma pluralidade de linguagens e culturas. (GIROUX, 1996)

Esses jovens “pós-modernos” ou nativos digitais formam o que se denominou como Juventude “Y” (geração do milênio ou geração digital) e “Z”, oriundos desse ambiente de liquidez de significados e de grande desenvolvimento tecnológico. A denominação de geração “Z” vem de ‘zapear’, quando o jovem costumeiramente muda de um canal para outro na televisão. Vai da internet para o telefone, do telefone para o vídeo e retorna novamente à internet. Assim como se utilizam dos meios tecnológicos, também ‘trocam’ de uma visão de mundo para outra, instantaneamente, tal como o funcionamento dos computadores e a navegação no espaço virtual com os hiperlinks. Sua comunicação se dá em rede, é contínua, realizando multitarefas, todas com ênfase no tempo ‘presente’ na perspectiva de resultados rápidos e aplicabilidade dos conteúdos escolares para a vida profissional. Tal esfera é valorizada por esses nativos digitais e deve permitir salários compatíveis com a necessidade do consumo de novas tecnologias. Na esfera educacional, percebe-se através dessas mudanças o surgimento de uma cultura de convergência, que segundo Fava:

(...) não deve ser compreendida apenas como um processo tecnológico dentro ou fora da sala de aula. Mais do que isso, a convergência representa uma transformação cultural, uma vez que os estudantes são incentivados a procurar e colocar novas informações nos mais diversos sistemas e fazer conexões e meio a conteúdos de informações dispersos, criando assim, a cultura participativa e não mais apenas a cultura interativa. (FAVA, 2012, p. 08)

Dentro da perspectiva de cultura participativa na educação, percebemos uma relação horizontalizada entre professores e alunos, sendo que para o primeiro, não basta apenas conhecer as novas tecnologias, mas também entendê-las como elemento de mudanças paradigmáticas importantes na área da educação. A cultura da convergência como resultado dessas mudanças, não elimina a figura do professor pelas novas tecnologias, mas presume que novas e antigas metodologias de ensino e aprendizagem irão interagir de forma cada vez mais complexa (FAVA, 2012).

Considerações Finais

A pesquisa em andamento se propõe em fazer uma reflexão sobre a formação docente frente aos dilemas contemporâneos através do conflito geracional observado no âmbito escolar. Investigaremos de forma interdisciplinar sobre as principais características de cada geração envolvida no cotidiano escolar e os conflitos decorrentes de apreensão de mundo diferenciadas. Os conflitos geracionais resultantes das diferentes subjetividades relacionadas à pós-modernidade oferecem questionamentos importantes na esfera educacional, trazendo novos aprendizados à prática pedagógica, na ressignificação de linguagens (e discursos) com novas metodologias, projetos pedagógicos interdisciplinares, entre outros. Para que a interação entre gerações se realize sob a forma de uma coeducação, faz-se necessário que compreendamos e respeitemos as diferenças como ponto de interseção e mutação. O conflito geracional traz novos desafios à educação, mas também possibilidades de que através desse encontro entre professores e alunos haja a perspectiva da construção de novas formas de ser, sentir e pensar as práticas pedagógicas.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. 6. ed. Brasília: Editora da UNB, 2008.

CASTELLS, M. **Sociedade em rede**. Paz e Terra, São Paulo, 1999.

GATTI, B. A. **Pesquisa, Educação e Pós-Modernidade: Confrontos e Dilemas**. Cadernos de Pesquisa, v. 35, n. 126, set./dez. 2005. <http://www.scielo.br/pdf/cp/v35n126/a04n126.pdf>

GIDDENS, A. **As Consequências da modernidade**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1991.

GIROUX, H. **Jovens, diferença e educação pós-moderna**. In: Castells M, Flecha R, Freire P, Giroux H, Macedo M, Willis P. *Novas perspectivas críticas em educação*. Porto Alegre (RS): Artes Médicas; 1996. p.63-85.

HABERMAS, J. **Discurso filosófico da modernidade**. Lisboa: Dom Quixote, 1990.

LYOTARD, J.F. **O Pós-Moderno**. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

MENDES ANDRÉ, C. **O lugar do professor na pós-modernidade**. *Educação em Revista*, Marília, v.9, n.2, p.37-50, jul.-dez. 2008.

NETO, E.S; FRANCO, E.S. **Os professores e os desafios pedagógicos diante das novas gerações: considerações sobre o presente e o futuro**. *Revista de Educação do COGEIME – Ano 19 – n.36 – janeiro/junho 2010*.

SIMMEL, G. **El individuo y la libertad**. *Ensayos de crítica de la cultura*. Barcelona: Península, 1998.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.